

Ensino de Piano em Grupo na Educação Superior no Brasil: uma breve análise

Anita Garrido

Universidade Católica do Salvador

anita.garrido@pro.ucsal.br

Resumo: Entende-se que o piano é, também, um instrumento musicalizador e complementar, portanto, no Ensino Superior desse instrumento deve-se capacitar músicos não só para a performance como também deve favorecer o processo de ensino aprendizagem musical, oportunizando aos alunos a aquisição de habilidades musicais para além das teclas e partituras. Com base nisso e na própria experiência do pesquisador, o presente artigo teve como objetivo central realizar uma breve análise sobre a prática do Ensino do Piano em Grupo (EPG) na Educação Superior em música no Brasil, bem como suas contribuições para o desenvolvimento do futuro músico profissional. A constatação do expressivo crescimento desta prática nos últimos anos revela um novo rumo para o ensino do piano nos cursos superiores em música. No âmbito de uma pesquisa bibliográfica, o percurso do presente artigo se estabelece a partir de uma abordagem sobre as relações entre o professor e o EPG e, na continuidade, aborda sobre os aspectos históricos da referida prática, bem como suas vantagens. A partir do estudo realizado, o presente trabalho identificou a necessidade para o entendimento de que o conhecimento musical e o processo de ensino do piano não estão relacionados apenas ao virtuosismo técnico e à preparação para a performance. Jovens músicos não devem continuar sendo formados exclusivamente para o desenvolvimento virtuosístico e preparação para a performance, características do ensino tradicional. A música como um todo foi ressignificada em um patamar mais abrangente, enriquecido com muitas novas aquisições no decorrer do século XX.

Palavras-chave: Ensino de Piano em Grupo. Ensino Superior. Música

Introdução

Um curso de Bacharelado em Piano tem como objetivo a formação de músicos solistas, sendo que o ensino se dá geralmente através de aulas individuais, buscando-se um amplo refinamento técnico para a execução de um repertório por vezes extremamente elaborado e complexo. Já nos cursos de Licenciatura em Música, Bacharelado de outros instrumentos, Regência, Composição e Canto, os discentes que cumprem a disciplina Piano Suplementar ou Complementar, a depender da terminologia adotada pela instituição, frequentemente não têm o piano como instrumento principal.

O ensino do piano é inserido na grade curricular como instrumento de complemento e, como tal, o foco está em proporcionar uma base técnica elementar a fim de que o aluno possa utilizá-lo como ferramenta de trabalho para atividades de educação musical em geral, ou para estudos relacionados ao seu curso de graduação, como, por exemplo, em atividades que envolvem composição, acompanhamento de peças simples, transposições, harmonização, etc. Portanto, esta modalidade de aprendizagem não tem necessariamente vínculo direto com a performance de concerto, como seria o caso de graduandos dos bacharelados em Piano.

Quanto à minha experiência na área, o primeiro contato com os estudos musicais se deu aos 9 anos, em um curso de extensão denominado Musicalização Infantil na Escola de Música da Universidade Federal da Bahia, EMUS/UFBA e, desde então, a música tem feito parte da minha vida. Em 1996, ingressei no curso de graduação em Instrumento-Piano da mesma instituição, na classe da professora Dr^a Diana Santiago.

No decorrer do curso, somando a todo processo na prática do instrumento, atuei em trabalhos de pesquisa e procurei aperfeiçoar meus conhecimentos em cursos e workshops sobre educação musical. A partir daí, surgiram diversas oportunidades para atividades de cunho docente e, quando me dei conta, tal prática tornou-se um grande “pilare” em minha carreira musical. Em 2008, ingressei no curso de Licenciatura em Música da EMUS/UFBA com o objetivo de aperfeiçoar meus conhecimentos no que diz respeito à arte de educar.

Diante de várias experiências vividas, atuando em diferentes áreas e instituições, ocorreram momentos decisivos em minha trajetória docente. Um deles foi o contato com a prática do Ensino de Piano em Grupo - EPG. Tal experiência, dentre outras, foi de fundamental importância para o amadurecimento da minha carreira docente, onde pude perceber qual seria o meu papel dentro da sociedade: poder formar não apenas futuros músicos, mas, principalmente, formar, através da arte musical, cidadãos conscientes, críticos e com capacidade para interagir dentro da sociedade.

Atualmente, sou professora de Piano e Percepção Musical no curso de Licenciatura em Música da Universidade Católica do Salvador - UCSal, onde, a partir do primeiro semestre de 2015, a prática do EPG tem sido utilizada para a formação de futuros docentes no campo da música.

Cabe citar que foi de grande importância minha experiência pessoal obtida com a prática do EPG, como instrutora nos cursos de extensão universitária da EMUS-UFBA, no período entre 1993 e 2007, e ao lecionar as disciplinas Piano Suplementar I e II na mesma instituição, no período entre 2001 e 2006, onde pude constatar na prática, os resultados que podem ser obtidos com o ensino em grupo.

Com base em minha já citada experiência e nos estudos realizados até o presente momento acerca da prática do EPG, o presente artigo teve como objetivo central realizar uma breve análise sobre a prática do Ensino do Piano em Grupo (EPG) na Educação Superior em música no Brasil, bem como suas contribuições para o desenvolvimento do futuro músico profissional.

Nas últimas décadas, essa prática tem apresentado um crescimento expressivo no ensino superior. De acordo com Maria de Lourdes Gonçalves, na década de 70, com a implantação do EPG no Rio de Janeiro, abriu-se a possibilidade para essa nova modalidade que logo se difundiu pelo país¹. A constatação do expressivo crescimento desta prática nos últimos anos revela um novo rumo para o ensino do piano nos cursos superiores em música e este fato justifica a construção da presente pesquisa.

No âmbito de uma pesquisa bibliográfica, o percurso deste artigo se estabelece, primeiramente, a partir de uma abordagem sobre as relações entre o professor e o EPG. No item seguinte, o presente artigo aborda os aspectos históricos da referida prática, finalizando o desenvolvimento do artigo no quarto item onde são expostas as vantagens do EPG.

As aulas de piano em grupo se estabelecem nos moldes pedagógicos do ensino do piano como instrumento musicalizador e complementar, com a função de trabalhar e desenvolver a técnica básica aliada à prática do que pode-se chamar de "habilidades funcionais musicais" como a leitura simultânea de claves, leitura à primeira vista, harmonização, transposição, improvisação, percepção, repertório, enfim, tópicos que melhor atendem às necessidades práticas de um futuro profissional que se utilizará do piano como ferramenta de atuação.

¹ Essa informação encontra-se no site "Ensino de Piano em Grupo no Brasil" cujo endereço é www.pianoemgrupo.mus.br.

Em decorrência desses aspectos, o EPG tem sido cada vez mais recomendado e aceito nas Universidades Brasileiras nos últimos anos.

O professor no ensino de piano em grupo (EPG)

Entende-se que o piano é, também, um instrumento musicalizador e complementar, portanto, os cursos de graduação nesse instrumento, devem capacitar músicos não só para a performance como também músicos educadores possuidores de um perfil autônomo, autocrítico, dotado de conhecimentos construídos ao longo de sua formação inicial e continuada e de suas experiências pessoais e trajetória de vida, aptos a atuarem nos diferentes contextos de ensino, pesquisa e extensão.

De acordo com o exposto, o ensino de música nas universidades deve visar um modelo de ensino para uma formação de qualidade, tanto em aspectos musicais quanto humanos e, com isso, oferecer experiências mais democráticas e inclusivas, acompanhando as mudanças do mundo contemporâneo, ao mesmo tempo em que pode estimular a formação de sujeitos capazes de interagir de forma crítica. Nesse sentido, o papel da universidade consiste em "oferecer uma formação profissional e humana buscando conciliar as demandas do mercado, mas sem perder sua especificidade, que é a de garantir a autonomia do pensamento" (COUTO, 2014, p. 248).

Fisher (2010), afirma que "o ambiente de grupo tem o potencial para produzir oportunidades de aprendizagem que são muito superiores ao que pode ser alcançado num formato individual" (FISHER, 2010, p. 8). Utilizando-me da afirmação de Fisher, é possível dizer que no ensino de piano feito de forma tradicional, isto é, individual, frequentemente o professor de instrumento age em conformidade com o que o aluno traz preparado para a aula, adaptando a sequência de instrução de acordo com as capacidades que este vai demonstrando. Apesar de apresentar reconhecidas vantagens para o ensino do instrumento que se traduzem no acompanhamento individualizado com ritmo de aula direcionado para um aluno, o ensino tradicional individualizado não privilegia um ambiente musical e social no qual o aluno possa ser motivado, apoiado e até mesmo desafiado pelos seus colegas.

No ensino em grupo de instrumento, é exigido do professor o domínio de um conjunto de competências que, no ensino individual não são consideradas como sendo

essenciais no seu repertório de estratégias. Não basta a experiência, a fluência verbal, o conhecimento do conteúdo e a didática, mas também a necessidade de um gerenciamento constante de todo o planejamento das aulas. Neste âmbito, "deixou de ser possível ao professor sentar-se e deixar que o seu ensino se molde à medida que a aula progride de acordo com as necessidades imediatas do aluno" (ENOCH, 1988, p. 7).

Mesmo um professor bastante experiente pode se frustrar ao ensinar piano em grupo, já que a experiência adquirida somente no ensino individual é insuficiente.

Faz -se necessário salientar as palavras de Lancaster (1981) ao dizer:

O professor que tem uma forte bagagem de experiência no ensino do piano em grupo pode facilmente aplicar esse conhecimento para aulas individuais, todavia, um professor cuja experiência estende-se apenas ao ensino individual não necessariamente atuará com sucesso no ensino em grupo. (LANCASTER, 1981, p. 36-37).

Graff (1984), argumenta que "a negligência no ensino em grupo pode ser parcialmente devida à falta de organização e utilização de materiais acessíveis, ou pelo fato de muitos professores não estarem interessados nem qualificados para atuar nessa área". (GRAFF, 1984, p. 79). Para se obter sucesso como professor de EPG, Skaggs (2004) enumera alguns aspectos necessários:

Sugerir novas atividades, ser enérgico, ser equilibrado emocionalmente para lidar com a indisciplina que possa ocorrer na situação de grupo. Ser organizado, ter metas claras para todas as atividades, desenvolver planos de aula sistemáticos, apresentar informações eficientemente, dar explicações precisas, ouvir e responder as dúvidas dos alunos, ter atenção balanceada (SKAGGS, 2004, p. 269).

As aulas de piano em grupo não significam simplesmente juntar alunos e proceder como aulas individuais, bastando que se tenha um local grande com pianos disponíveis. Os procedimentos metodológicos diferem. Para tanto, "o professor deve estar em constante alerta para não transformá-las numa série de aulas individuais no tempo de aula destinado ao grupo" (HARRIS & DAVIES, 2009, p. 127). Um ensino instrumental em grupo, de qualidade, deve envolver todos os alunos durante todo o tempo. Enoch (1988) complementa:

A maior dificuldade do ensino em grupo é manter a aula dirigida para o grupo como um todo e não permitir que degenera numa aula de cinco minutos, na qual um aluno de cada vez tem toda a atenção do professor ao piano enquanto as restantes do grupo fazem outra coisa qualquer (ENOCH, 1988, p. 2).

Vale ressaltar que, quando chegam na Universidade, os alunos já possuem experiências musicais vivenciadas. Cada aluno traz uma bagagem musical pessoal, valores, gostos, opiniões e expectativas. O professor também possui seus conhecimentos, seus valores, expectativas, seus objetivos e metodologia, desejando fazer uso desses elementos na sala de aula. A esse respeito, Swanwick (2003) nos diz que "o professor deve trabalhar com uma proposta de ensino ampla, valorizando os conhecimentos prévios, adotando como estratégia de interação a troca de experiência do trabalho em grupo" (SWANWICK, 2003, p. 67). As aulas de piano em grupo possibilitam o desenvolvimento musical dos alunos para além das teclas e partituras. Neste sentido os próprios alunos expressam suas aspirações musicais enquanto os professores partem da bagagem musical de cada um para o desenvolvimento musical em conjunto.

A prática pedagógica do ensino de música consiste na concretização das condições que assegurem a realização do trabalho do docente. Ou seja, o professor ensina aquilo que ele acredita ser a prática pedagógica ideal, filosófica e cientificamente. Tais condições não se reduzem ao estritamente "pedagógico", já que não podemos separar a música do seu contexto político, social e cultural, sendo assim produto de uma sociedade ou cultura. A música tem atrás de si condicionantes sociais que configuram diferentes concepções de homem e de sociedade e, conseqüentemente, diferentes pressupostos sobre o papel do professor na sua transmissão de conhecimentos, caracterizando assim a sua prática pedagógica. Fica claro que o modo como os professores realizam seus trabalhos, selecionando e organizando os conteúdos das matérias, ou escolhendo técnicas de ensino, relaciona-se com os pressupostos teórico-metodológicos, culturais e sociais do contexto em que vivem.

Uma boa parte dos professores, provavelmente a maioria, em qualquer ramo de conhecimento, baseia sua prática em prescrições pedagógicas que se transformam em senso comum, incorporado quando passados pela instituição de ensino ou transmitidas pelos

colegas mais experientes; entretanto, essa prática contém pressupostos teóricos implícitos. Inclusive há aqueles que se apegam à última tendência da moda, sem maiores cuidados em refletir se essa escolha trará, de fato, as respostas que procuram. Por outro lado, há professores interessados num trabalho docente mais consequente, professores que buscam uma prática pedagógica nova, pesquisam ou experimentam, desenvolvendo assim um novo conhecimento teórico-prático ou novos métodos de ensino-aprendizagem. São professores capazes de perceber o sentido mais amplo de sua prática e de explicitar suas convicções metodológicas.²

Aspectos históricos do EPG

De acordo com Gonçalves (1989), o ensino de piano em grupo surgiu na Inglaterra no início de século XIX, com J. B. Logier (1777-1846), que ensinava para grupos de até doze alunos, denominando seu método de “Novo Sistema de Educação Musical”. Reapareceu no início do século XX, nos Estados Unidos, marcando mudanças no ensino da música (GONÇALVES, 1989, parte pré textual p.v e vi). Outro disseminador citado por Gonçalves, Calvin B. Candy (1851-1928), considerado o pai do ensino de piano em grupo nos Estados Unidos, causou polêmicas com suas ideias revolucionárias sobre educação musical, deixando-as registradas em dois volumes, sob o título Music Education, an Outline (1902) e Music Education-Monophony (1903)³.

Pace, vai ainda mais longe ao dizer que

a aula individual foi a primeira maneira a ter um caminho lógico de ensino. Isto deixou de ser verdade desde que vários pedagogos ensinaram piano para mais de uma pessoa, ao longo dos últimos 150 – 200 anos, Franz Liszt dentre eles (PACE, 1978, p. 2).

O programa de EPG que se tem estabelecido nas universidades não é um fenômeno novo. Bastien (1988) cita como exemplo R. Burrows, que "lecionou piano em grupo e pedagogia do piano na Universidade da Columbia, Nova York" (BASTIEN, 1988, p. 209).

² As ideias contidas nesse e no parágrafo anterior estão presentes em LIBÂNEO, 1985, p. 19-20.

³ Informação contida no site "Ensino de Piano em Grupo no Brasil" cujo endereço é www.pianoemgrupo.mus.br.

Burrows foi professor pioneiro na área de nível superior, e escreveu bastante sobre o assunto durante a primeira metade do século XX.

Com o ideal de contemplar uma educação musical mais integral do educando, a professora Maria de Lourdes Junqueira Gonçalves trouxe o EPG para o Rio de Janeiro, na década de 70, tornando-se pioneira no Brasil (GONÇALVES, 1989, parte pré textual p. vii). Na Bahia, o EPG foi introduzido na Escola de Música da UFBA (EMUS/UFBA) em 1989, pelas professoras Alda Oliveira e Diana Santiago. A primeira, pelas classes de Iniciação Musical com Introdução ao Teclado (IMIT), e a segunda, pelas Oficinas de Piano em Grupo (OPG), cujo objetivo era iniciar estudantes nos princípios básicos da técnica do piano, através de aulas em grupo. (SANTIAGO, 1995, p. 75).

Gainza (1988) nos diz que o ensino tradicional do piano, envolve “duas obsessões fundamentais”, a saber: “como proceder para ler a música escrita e, depois, como proceder para poder executá-la”(GAIZA, 1988, p.116). Entende-se que o ensino do piano priorizou, ao longo dos anos, a técnica e a execução de repertório na perda de um fazer musical mais ativo e coerente com as características pessoais de cada aluno. Mediante as transformações ocorridas na segunda metade do século XX acerca dos processos, métodos, conceitos e abordagens no ensino de música, o piano passa a ser utilizado como instrumento musicalizador, possibilitando assim, uma grande variedade de habilidades musicais.

Nos cursos de Licenciatura em Música no Brasil, tem sido comum a inclusão da prática instrumental coletiva na matriz curricular, sobretudo, através da prática de instrumentos de teclas. Segundo Reinoso (2012), o EPG foi inserido gradualmente nas grades curriculares dos cursos de música de diversas universidades brasileiras, dentre essas: Universidade Federal da Bahia (UFBA), do Ceará (UFC), do Espírito Santo (UFES), de Goiás (UFG), de Ouro Preto (UFOP), do Paraná (UFPR), do Rio Grande do Norte (UFRN), do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade de São Paulo (USP).

O EPG e suas vantagens

Partindo do pressuposto que o ensino individual, e denominado "tradicional", de piano tinha como objetivo a formação e preparação de instrumentistas concertistas, focando no desempenho técnico e virtuosístico, a proposta que o EPG oferece é distinta pois tem

elementos inovadores, já que através da interação do grupo, o aprendizado de piano torna-se coletivo,

no qual o aluno juntamente com os seus colegas e o seu professor, trocam ideias, aprendem a ouvir uns aos outros e a ganhar estímulos, críticas e autoconfiança. Por isso, podemos declarar que é bem diferente de uma aula individual (GONÇALVES e MEHY, 1985, p. 224).

As aulas em grupo dinamizam a aprendizagem através da troca de experiências, priorizam o interesse coletivo em detrimento do individual, além de desenvolver o sentido de grupo. Vejamos o que Santiago (1995) nos diz sobre as vantagens do ensino de piano em grupo:

As vantagens para o ensino grupal de piano são afirmadas por todos os que o estudam ou aplicam. [...] Podemos aqui citar as mais importantes: além do tempo do professor ser melhor utilizado, os alunos se preparam melhor por efeito da presença do grupo; aprendem a ter mais confiança em si próprios; tem mais tempo que nas aulas individuais para se recobrem dos erros cometidos, o que é favorável à construção de uma autoimagem positiva; são mais motivados; tem oportunidade constante para a prática em conjuntos; aprendem por imitação uns com os outros; recebem mais estímulo para o desenvolvimento das habilidades de crítica, audição interiorizada e interpretação; adaptam-se desde o início a tocarem para outros; têm a oportunidade de serem expostos a uma maior literatura instrumental; podem ser introduzidos com vantagem sobre os alunos que têm aulas individuais no estudo da notação musical, história da música e teoria. (SANTIAGO,1995, p.75).

Outras vantagens em relação aos alunos observadas ao longo da minha experiência no âmbito do ensino em grupo: poder ouvir interpretações diferentes da mesma peça musical; uma maior desinibição do aluno, já que ele se sente mais à vontade do que tocando individualmente; estabelecimento de competição saudável; aulas mais divertidas; desenvolvimento da sociabilidade através de atividade em conjunto; incentivo à solidariedade entre os alunos, onde um ajuda no aprendizado do outro; desenvolvimento da criatividade através das composições feitas pelos alunos; desenvolvimento da segurança rítmica ao tocar a mesma peça juntos ou participar de um conjunto.

Além das vantagens referentes aos alunos, é possível destacar algumas vantagens quanto à organização do EPG na Instituição de Ensino Superior: a redução no número de profissionais envolvidos na docência, devido a formação de turmas que podem conter vários

alunos; a ampliação no número de vagas para os alunos devido a otimização do tempo do professor; espaço físico melhor aproveitado.

De acordo com o que foi exposto, aprender música em grupo não é somente um processo de execução musical coletiva, mas também um ato de trocas de experiências no contexto social na qual tal prática está inserida. Swanwick (1994) nos diz:

[...]fazer música em grupo nos dá infinitas possibilidades para aumentar nosso leque de experiências, incluindo aí o julgamento crítico da execução dos outros e a sensação de se apresentar em público. A música não é somente executada em um contexto social, mas é também aprendida e compreendida no mesmo contexto. A aprendizagem em música envolve imitação e comparação com outras pessoas. Somos fortemente motivados ao observar os outros, e tendemos a "competir" com nossos colegas, o que tem um efeito mais direto do que quando instruídos apenas por aquelas pessoas as quais chamamos "professores". (SWANWICK, 1994, p.9).

Bandura (1997) complementa Swanwick ao dizer que "a motivação está fortemente relacionada com a observação e a vivência de experiências, nas quais pessoas encontram incentivos para aprimorar o seu próprio desempenho, observando e confrontando-se com o desempenho de outras pessoas." (BANDURA, 1997, p. 34)

Percebemos o quanto devemos repensar a forma tradicional do ensino de piano, buscando não relegar estas informações no planejar das nossas ações pedagógicas no processo ensino-aprendizagem. O futuro pianista-educador musical, ao concluir seu curso de graduação, obterá êxito em seu percurso profissional se souber aplicar, através do piano, uma metodologia com objetivos que correspondam a um desenvolvimento integral do aluno. Segundo os autores Costa e Machado (2012), a prática do piano em grupo nas universidades oferece uma multiplicidade de vivências e aprendizagens musicais responsáveis por motivar positivamente e contribuir para uma formação mais completa, oportunizando aos alunos a aquisição de habilidades musicais. Vejamos o que nos diz os autores:

Enquanto o ensino tradicional foca na aquisição de repertório e habilidades técnicas pelos graduandos, o ensino de piano em grupo busca sobretudo desenvolver a musicalidade do aluno, instrumentalizando-o melhor para vencer os desafios técnicos e harmônicos do instrumento. (COSTA e MACHADO, 2012, p. 5).

Levando em consideração essas questões, atividades de leitura de notas, apreciação, execução rítmica, solfejo, composição, improvisação, harmonização, acompanhamento e repertório devem ser realizadas durante o ano letivo, com o intuito de promover uma aula prazerosa e rica em informações musicais, sem que nenhum desses aspectos perca sua importância. Um ensino tradicional de piano, onde o professor leciona somente com a partitura e de forma individual, os resultados alcançados não contemplariam as questões citadas.

Considerações finais

Como foi exposto no decorrer do presente artigo, o ensino do piano, durante algum tempo, priorizou a técnica e a execução de repertório prejudicando um fazer musical mais ativo e coerente com as características pessoais de cada aluno. Mediante as transformações ocorridas na segunda metade do século XX acerca dos processos, métodos, conceitos e abordagens no ensino de música, o piano passa a ser utilizado como instrumento musicalizador e isso contribuiu para o crescimento da prática do Ensino de Piano em Grupo nos cursos de graduação em música.

A identificação do crescimento do EPG justificou o surgimento de estudos no âmbito dessa prática e, conseqüentemente, a realização da presente pesquisa, a qual uniu a experiência da autora quanto às atividades de ensino utilizando a referida prática, bem como uma síntese dos estudos realizados anteriormente.

Esse estudo teve como objetivo central realizar uma breve análise sobre a prática do Ensino do Piano em Grupo (EPG) na Educação Superior em música no Brasil, bem como suas contribuições para o desenvolvimento do futuro músico profissional. Após o item introdutório, onde foi exposta a já citada experiência da autora, estabeleceu-se uma relação entre o professor e o EPG, constatando-se, por exemplo, que a clareza na comunicação e aplicação de estratégias e ideias na aula de piano em grupo é fundamental.

Em seguida, se fez necessária uma abordagem acerca dos aspectos históricos, informando que a prática do EPG já era tradição na primeira metade do século XIX, apesar da hegemonia do ensino tradicional baseado no aperfeiçoamento da performance individual. Finalizando o corpo da presente pesquisa, foram expostas as vantagens do EPG.

A partir do percurso realizado, foi possível concluir que o EPG em um curso de graduação em música deve contemplar conteúdos e práticas pedagógicas capazes de contribuir para uma formação musical significativa dos alunos visando o desenvolvimento da musicalidade e competências, como tocar individualmente e em grupo, por meio da leitura de cifras, partituras, de ouvido, estimulando as habilidades de memorização, técnica e criatividade, como as criações musicais, elaboração de arranjos, improvisação e prática de acompanhamento, além de contribuir para uma formação musical com subsídios pedagógicos, técnicos e humanos para uma atuação profissional nos múltiplos contextos em que o aluno possa atuar.

As diferentes atividades vivenciadas ao longo da carreira profissional, nos faz rever conceitos sobre a prática pedagógica, relativos à formação do músico educador em suas competências e habilidades, aumentando a curiosidade e inquietações na tentativa de encontrar definições frente à diversidade de posturas metodológicas em sala de aula, buscando a compreensão e aceitação das diferenças entre os seres humanos, para desta forma, facilitar seu desenvolvimento. Pensando na realidade do Ensino Superior, a aprendizagem do Piano em Grupo não tem resultados melhores que a aprendizagem do piano individual, mas resultados diferentes. Nas áreas que o Ensino do Piano em Grupo se propõe a ter enfoque maior como o desenvolvimento das habilidades funcionais musicais, o aprendizado é mais eficaz. Em outras áreas como formação de repertório para desempenho e técnica o Ensino do Piano Individual se destaca.

Com base no que foi exposto, o presente artigo buscou contribuir para o entendimento de que o conhecimento musical e o processo de ensino musical instrumental não estão relacionados apenas ao virtuosismo técnico e a preparação para performance. Jovens músicos não devem continuar sendo formados exclusivamente para o desenvolvimento virtuosístico e preparação para a performance, características do ensino tradicional.

É possível e necessário encontrar parâmetros e fundamentos sólidos para que as mudanças aconteçam, que novas práticas, metodologias e métodos que vêm sendo pesquisados possam se implantar, e outros se desenvolvam. Que os indivíduos e a sociedade possam desfrutar de uma educação musical presente, cumprindo um papel essencial de contribuir para um maior desenvolvimento dos cidadãos e da sociedade.

Referências

- BASTIEN, J.W. *How to Teach Piano Successfully*. 3ª ed. San Diego: Neil A. Kjos, 1988.
- BANDURA, Albert. *Self-efficacy: the exercise of control*. New York: Freeman, 1997
- COSTA, Carlos Henrique; MACHADO, Simone Gorete. *Piano em grupo: livro didático para o ensino superior, volume 1*. Goiania: PUC Goiás, 2012.
- COUTO, Ana Carolina N. *Repensando o ensino de música universitário brasileiro: breve análise de uma trajetória de ganhos e perdas*. V. 20, n. 1. Porto Alegre: Opus, 2014. p. 233-256.
- ENOCH, Y. *Group piano-teaching*. New York: Oxford University Press, 1988.
- FISHER, C. *Teaching piano in groups*. New York: Oxford University Press, 2010
- GAINZA, Violeta Hemsy de. *Estudos de Psicopedagogia Musical*. Trad Beatriz A. Cannabrava. Coleção novas buscas em educação. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1988.
- GONÇALVES, Maria de Lourdes Junqueira; MARHY, Silvio Augusto. *Música através do piano*. In: II Encontro Nacional de Pesquisa em Música, 1985, Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais. *Anais*. São João Del-Rei: 1985. p. 215-245.
- GONÇALVES, Maria de Lourdes Junqueira. *Educação musical através do teclado: etapa de musicalização*. Vol.4. Manual do professor. Rio de Janeiro: Cultura Musical, 1989.
- GONÇALVES, Maria de Lourdes Junqueira. *Ensino de piano em grupo no Brasil*. In: <<http://www.pianoemgrupo.mus.br/index.htm>>. Acesso em 20/05/2018.
- GRAFF, C.A. *Functional piano Skills: a manual for undergraduate non-keyboard Musica Education majors at Plymouth State College*. Dissertation of University of Nother Colorado: 1984.
- HARRIS, P., & DAVIES, L. *Group Music Teaching in Practice*. London: Faber Music, 2009.
- LANCASTER, E.L. *Outstanding group piano program + vital piano pedagogy program = strong teacher training*. USA: Alfred Music, 1981. p. 36-37.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da escola pública: pedagogia crítico-social dos conteúdos*. São Paulo, Loyola, 1985.
- PACE, Robert. *Piano Lessons-Private or Group*. Reprinted from Keyboard Journal (Vol. 4, nº2), 1978. p. 2 e 3.

REINOSO, Ana Paula Teixeira. O ensino de piano em grupo em universidades públicas brasileiras. Rio de Janeiro, 2012. Dissertação (Mestrado em Música). UFRJ.

SANTIAGO, Diana. *As oficinas de piano em grupo da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia (1989-1995)*. In: Revista da ABEM, São Paulo, v. 2, p. 74-81, jun. 1995.

SKAGGS, Hazel Ghazarian. *Group piano teaching*. In: The Art of Teaching Piano: the classic guide and reference book for all piano teachers. Nova York: Yorktown Music Press, 2004. p. 265-277.

SWANWICK, Keith. *Ensino instrumental enquanto ensino de música*. Trad. Fausto Borém de Oliveira, rev. Maria Betânia Parizzi. Cadernos de Estudo: Educação Musical. São Paulo: Atravez, n. 4/5, nov. 1994. p. 7-14

SWANWICK, Keith. *Ensinando Música Musicalmente*. Trad. de Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Editora Moderna, 2003.